

# O MOSAICO LINGÜÍSTICO DO TIMOR LESTE. COMENTÁRIOS SOBRE O FUTURO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO PAÍS DOS MAUBERES.

Antonio Caubi Ribeiro Tupinambá\*

## Resumo

*O Tetum pertence à família austronésia de línguas amplamente difundida no globo. Em Dili, capital do Timor Leste, o Tetum entrou em contato com o português em suas duas versões, o tetum standard e creolo. Português era a única língua reconhecida oficialmente na época da colonização portuguesa no Timor. Em 1975 a Indonésia invadiu o território e impôs o uso de sua língua nacional, o bahasa Indonésio também na parte oriental da ilha. A situação complexa de multilinguismo em Timor Leste tem hoje implicações no processo de emancipação da ex-colônia portuguesa. Há dúvidas sobre qual idioma deverá ser adotado como língua nacional do novo país.*

**Palavras-chave:** Tetum; Português; Timor Leste, Mosaico lingüístico.

## Abstract

*Tetum belongs to the great Austronesian family of languages spoken in a vast area of the globe. In Dili, the capital of East Timor, Tetum came into intimate contact with Portuguese, in both its standard and creolized varieties. Portuguese was the only recognized official language of the colony until 1975, when Indonesia invaded that territory. Portuguese was then replaced by the national language of Indonesia. This essay attempts to expose the complex situation of multilingualism in East Timor and to discuss the perspectives of the portuguese language in the new nation.*

**Key-words:** Tetum; Portuguese; East Timor; Multilingualism.

Lorosae<sup>1</sup>, sol nascente, é o nome que a população da parte oriental da ilha do Timor quer dar a seu país independente. Uma história de quase quatro séculos une Timor a Portugal. Neste longo período, muito da cultura portuguesa foi absorvida pelo povo timorense. A influência religiosa marcou o início da colonização em 1566, quando do primeiro assentamento colonial na ilha de Solor, através dos freis dominicanos, que construíram uma fortaleza, enchendo-a de novos convertidos originários das localidades de Solor e de Flores. O estabelecimento dos portugueses no local era previsível. Quando os colonizadores holandeses os expulsaram de Solor, trataram de encontrar abrigo e de se restabelecer na ilha de Larantuka, que ao contrário de Solor experimentou apenas a presença portuguesa.

A imposição religiosa e lingüística foi sempre uma marca que se cunhou após as conquistas de novos domínios territoriais lusitanos. Aconteceu o mesmo em Timor.

Transpondo-se para os dias atuais, vê-se que na forma como deixarem a colônia, os colonizadores quase outorgaram ao governo indonésio o direito e o poder de redimensionar a vida naquela região. O processo de apropriação ilegítima da ilha pelos Indonésios, por pouco não resultou em retirar do mapa local qualquer indício da presença portuguesa naquele território. A estratégia indonésia foi diversificada e eficaz: destruição da terra produtiva, desmantelamento das tribos e das famílias e imputação de um novo idioma em lugar daquele que por motivos históricos já se havia fixado como língua nacional ao lado da língua franca local. Os atos nazistas perpetrados ao longo de mais de duas décadas só não nos deixa hoje a falar de uma cultura morta por conta da obstinação do povo maubere<sup>2</sup>, que sob as piores condições imagináveis conseguiram se

\* Doutor em Psicologia Organizacional - Universidade de Giessen (Alemanha). Professor do Departamento de Psicologia da UFC.

<sup>1</sup> Segundo Margarida Correia, atualmente consultora lingüística para a elaboração de um dicionário Tetum-Português, "Loro quer dizer Sol, e Sa'e quer dizer nascente. Sa'e escreve-se com apóstrofe por uma questão de pronúncia: há uma pequena pausa que é um traço distintivo do Tetum. Em princípio devia ser duas palavras: Loro Sa'e. Revista Os Fazedores de Letras, Faculdade de Letras de Lisboa.

<sup>2</sup> Habitantes da parte oriental da Ilha do Timor.

manter em posição de defesa e tardiamente, mas não sem efeito, foram ouvidos pelo mundo nos seus apelos pela sobrevivência. Sob julgo indonésio foi imposto ao povo timorense o idioma nacional, o bahasa Indonésio, como língua oficial mas tolerando-se o uso do Tetum enquanto idioma secundário. A decisão do Vaticano em aceitar o Tetum a partir de outubro de 1981, como língua a ser usada nas missas locais foi o ponto de partida para aproximar a igreja do povo e registrar o desinteresse das autoridades eclesásticas em usar o bahasa Indonésio em suas preces e pregações. Apesar da educação formal acontecer na altura também em bahasa Indonésio, o Tetum adquiriu ao longo do tempo um papel preponderante como língua nacional, tendo em vista a diversidade de línguas e dialetos locais.

Mas se “minha pátria é minha língua”<sup>3</sup>. Neste caso há muitas pátrias no Timor e, assim como a pátria, a língua ainda não está definida.

A complexidade do mosaico lingüístico do Timor Leste somada aos acontecimentos políticos ao longo de sua história nos permite considerar três diferentes períodos para tentar compreender o peso das diversas línguas locais no contexto sócio-cultural. Pode-se, portanto, falar de realidades lingüísticas anteriores, contemporâneas e posteriores ao domínio colonial português. Há dúvidas quanto às perspectivas futuras nesta área para o país que se forma. Talvez seja possível acrescentar um quarto período, correspondente à época de incerteza do presente e do futuro próximo do Timor independente. Investimentos reais e resultados daí provenientes serão decisivos para definir o futuro lingüístico do país. Mesmo sendo necessário se considerar a existência de determinadas divergências quanto a este futuro lingüístico, vê-se uma tendência em manter-se o português como língua oficial ao lado da língua nacional, o Tetum. Não se pode esquecer contudo a demanda de determinados grupos locais, em especial os jovens, de introduzir o inglês em alternativa ao português. É de interesse dos membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), respeitando as decisões internas, incentivar no Timor a manutenção do português como idioma oficial. Para isso deve-se transformar palavras em ações, como o fazem atualmente os portugueses, já no local com centenas de professores a alfabetizar os timorenses na língua de Camões. Vê-se que ao contrário do que ocorreu com Macau, onde a língua portuguesa manteve a sua presença apenas numa perspectiva arqueológica, deva se consolidar o interesse dos países lusófonos e do próprio Timor em seguir o curso naturalizado da presença deste idioma na ilha:

“Existe uma tendência no sentido da coesão dos países lusófonos em torno da defesa e divulgação da Língua Portuguesa. É do interesse de todos que o Português ganhe espaço e se consolide no sistema das relações internacionais, nomeadamente no seio das Organizações Internacionais. É por isso que se declara frequentemente que nos sete países há quase duzentos milhões de falantes da Língua Portuguesa. Somos dez milhões, mas devemos ser muito mais se contarmos os portugueses, os brasileiros, os angolanos, etc., espalhados pelo mundo. A partilha cultural entre todos estes povos é algo antigo, algo superior a qualquer movimento racista, é uma ação espontânea das populações, cresce e manifesta-se todos os dias. Todos os dias, a cultura portuguesa enriquece-se um pouco mais não só com a cultura africana como também com a cultura brasileira. Portugal só sobreviverá na Europa se mantiver a sua identidade e esta é dada pela sua relação com o passado pelo aprofundamento dessa relação. Portugal apresenta-se como a ponte entre a Europa e a África, como a porta de entrada para a África. A Lusofonia em África (vinte milhões) é significativamente menor que a Anglofonia (duzentos milhões) e que a Francofonia (cento e vinte cinco milhões). Politicamente este fato traduz-se em menor influência no seio das organizações internacionais. É necessário então que os objectivos principais da comunidade visem a promoção do desenvolvimento dos seus povos, a afirmação e divulgação crescentes da língua portuguesa e o reforço da presença dos sete países na comunidade internacional. Este projecto da CPLP só terá pés para andar se for encarado com pragmatismo e seriedade. É uma aposta que vale a pena. É-o para o Brasil e para os países africanos de expressão portuguesa, mas sem dúvida alguma também para Portugal. Mostra-se assim necessário que Portugal repense obrigatoriamente todas as questões relativas a este projecto de modo que a CPLP não fique pelas palavras e pelas boas intenções”<sup>4</sup>.

Conta-se cerca de onze línguas diferentes nativas no Timor Oriental. Algumas destas línguas guardam semelhanças enquanto outras mostram-se completamente distintas. Há delas faladas por pequenos grupos de cerca de alguns milhares de pessoas e outras por grupos maiores com mais de 100.000. Na época posterior à invasão indonésia (7 de dezembro de 1975) em que a população do Timor contava com cerca de 700 000 habitantes, dos quais pelo menos 150.000 eram de Balineses e Sulawesis vindos da Indonésia, o Tetum tornou-se uma espécie de língua franca da região.

O Tetum é a língua originalmente falada pelo povo Belu<sup>5</sup>. Esta língua pertence à grande família lingüística

<sup>3</sup> Frase da música “Língua” de Caetano Veloso.

<sup>4</sup> D. Honorato (<http://www.terraviva.pt/aguaalto/1025/Index2P.htm#Artigo3>)

<sup>5</sup> “O tétum é falado com pequenas variações em três regiões descontínuas: na região central da vertente meridional da parte oriental da ilha, em Dili e seus subúrbios e na região fronteiriça de costa a costa. O tétum praça é falado em Dili, por esta cidade ser conhecida por Praça pelos nativos de Timor. Este dialecto é distinto das outras duas variantes, o tétum-téric e o tétum-lós.” Tomás, L.C. Luís Filipe apud Miguel Garcia.

austronésia presente em vasta área do globo. As línguas austronésias são em suma relacionadas com a República da Indonésia enquanto as não-austronésias (Papua) apresentam afinidades com a Nova Guiné. Enquanto na parte ocidental da ilha são faladas apenas duas línguas austronésias, o Tetum ou o Atoni (posteriormente denominado de Timorês), na parte oriental registram-se mais de onze línguas, como mencionado anteriormente. Os austronésios emigraram para a Moluca e para as ilhas no arquipélago indonésio por volta de 2000 a.C.

O Tetum encontra-se mais próximo de dez línguas austronésias nativas do Timor, a saber: Helong, Atoni, Mambai, Tokodede, Kemak, Galoli, Idate, Lakalei, Waimaà e Maueti; também dos dialetos da ilha de Wetar, dos dialetos das ilhas de Babar, Tanimbar e Aru entre o Timor e Nova Guiné, além disso das línguas das ilhas Lesser Sunda: Roti, Solor, Fores, Sawu e Sumba. Como estas línguas “Malayo-Polinésias Centrais”, o Tetum é, em uma perspectiva estrutural, bem diferente do malaio e do seu ramo bahasa Indonésio. Em determinados aspectos ela se aproxima das línguas melanésias da costa da Nova Guiné e do Pacífico Ocidental.

Em Dili o Tetum desenvolveu relação próxima com o Português em suas duas versões, *standard* e creola. Aqui se forma o Tetum-Praça ou Tetun-Perasa hoje chamada pelos timorenses de Tetun-Dili ou Tetun-Maka, a língua franca de Dili, um Tetum com grande influência da língua portuguesa.

A invasão indonésia foi acompanhada de uma política oficial relacionada ao problema lingüístico do Timor. Sabe-se que apesar de não se poder atribuir a uma paranóia lingüística ações de genocídio, ficou claro que a relação entre língua, poder e controle entrou na pauta do dia das ações de anexação do Timor e transformação da região na 27ª província indonésia, cuja língua nacional passaria a ser o bahasa Indonésio. Ouvia-se naquela altura que o Timor Oriental decidiu ‘integrar-se’ à Indonésia, tornando-se *de fato* sua 27ª província e talvez por desejo próprio abandonar o português e o tetum e passar a falar bahasa Indonésio.

A política em torno da língua do Timor após a invasão incluía o reconhecimento da existência das doze línguas locais, chamadas pelas autoridades indonésias de “dialetos” como forma de menosprezo a tudo que não fosse o bahasa Indonésio. Tetum com cerca de 400.000 falantes nativos e com cerca de dois terços da população com conhecimentos para o diálogo e uso cotidiano, terminou por se impor como língua franca. Nesta situação o Português tornou-se a segunda língua, até perder seu status com a anexação indonésia do Timor. Bahasa Indonésio ocupou todas as suas posições oficiais, mas apesar disso, laços com a língua colonial fo-

ram mantidos, continuando o português a ser a maior fonte de palavras “estrangeiras” no vocábulo Tetum<sup>6</sup>. O Tetum nunca foi de fato aceito pelos Indonésios como uma língua franca local, o que se deixava notar pela imposição do uso exclusivo do bahasa Indonésio nos meios oficiais, chegando a se utilizar do Tetum apenas ocasionalmente nas transmissões da rádio oficial do governo em poucas horas do dia e apenas para certa programação estratégica.

Quando antes de 1975 o português tinha o status de língua oficial e era condição *sine qua non* para a obtenção da cidadania portuguesa, a população do Timor contava com menos de 1% de “civilizados” e “mestiços” (população com nacionalidade portuguesa). Em um universo de 442.378 pessoas no ano de 1959 encontrava-se a seguinte distribuição étnica ou racial segundo os padrões portugueses<sup>7</sup>:

*Europeus: 568*  
*Mestiços 2.022*  
*Chineses 3.128*  
*Outros não nativos (goeses, etc.) 212*  
*Nativos civilizados 1.541*  
*Nativos não civilizados 434.900*

A formação de uma elite educada em escolas católicas com o português como língua principal foi bastante fortalecida no final da década de 50, com a delegação aos padres jesuítas da administração de um seminário no ano de 1958. “A difusão do cristianismo foi então rápida, e em extensão, pecando por não ser profunda, pois ainda hoje, apesar de a grande maioria da população estar convertida ao catolicismo, subsistem elementos da religião tradicional; assim podemos considerar que apesar de o cristianismo ser mais um revestimento, constitui um dos pilares da identidade timorense. A realização dos atos litúrgicos surpreende qualquer português. Os cânticos na língua lusa ou em tétum praça são de uma melodia indescritível, assim como a organização com que se processa todo o ritual; também a profissão de Fé muito nos ensina. Os missionários não foram apenas responsáveis pela assimilação da cultura portuguesa por parte dos timorenses, estes, em resposta ao processo de aculturação imposto pela Indonésia aquando da sua permanência no território, traduziram os textos litúrgicos para tétum praça e mantiveram ainda o ensino do português nas suas escolas, bem como alguns cânticos religiosos. Esta atitude permitiu conservar não apenas a religião católica no maior país muçulmano do mundo, como preservar a individualidade de Timor Leste, bem como transformar o tétum praça em língua franca. A Igreja local, como única estrutura subsistente, esteve sempre ao lado dos timorenses; aqueles que tinham dificuldades ou problemas com os indonésios recorriam ao auxílio da hierarquia religiosa. O papel desta

<sup>6</sup> São muitos os exemplos de lusismos na fala tetum. Palavras e expressões portuguesas que mostram a influência lingüística do vernáculo nas falas locais.

<sup>7</sup> Lutz, Nancy M. Colonization, Decolonization and Integration: Language Policies in East Timor.

instituição foi ainda determinante para a realização do referendo e para o divulgar da grave situação que se vivia em Timor durante a ocupação indonésia. É falsa a idéia de uma identidade cultural timorense única e homogênea. Cada um dos vários grupos étnico-lingüísticos, apesar de ‘aparentados’, possui um patrimônio cultural que sofreu, em maior ou menor grau consoante a localização, uma aculturação com elementos introduzidos inicialmente pelo contacto com a cultura portuguesa e depois com a Indonésia. A primeira foi trazida sobretudo pelos missionários, é mais nítida no aspecto espiritual (religião, língua e arte) que no material. Portugal conta com mais de 400 anos de presença religiosa e cultural em Timor, sendo que esta presença precedeu em mais de um século a presença política.<sup>8</sup>”

Da mesma forma que em outras realidades tribais, “em Timor a literatura, assim como a história, é essencialmente oral, tendo os seus textos sido conservados de memória pelos lia-na’in (senhores da palavra), que geralmente são os oradores oficiais das cerimónias tradicionais e guardiões dos lúlic<sup>9</sup>. Podemos encontrar duas formas principais de texto: ai-cnanóic (memórias) em verso ou prosa e ai-cnanânuc (canções) em verso destinadas a ser cantadas.<sup>10</sup>”

Apesar de ter se mantido ao longo do tempo apenas como língua oficial e nunca substituir de fato o papel das muitas línguas locais ou conseguir uma penetração entre os diferentes grupos populacionais da colônia, a língua portuguesa, assim como o catolicismo, serviu para a construção de um sentido de nação. O papel da língua portuguesa durante os conflitos com a Indonésia provou a fortaleza de seu vínculo com o povo local: “A língua portuguesa penetrou na Ásia pela acção colonial, pela influência dos comerciantes e da acção missionária. Ao longo da presença portuguesa, a língua de Camões não chegou nunca a ser a língua de comunicação oral, foi sobretudo a língua administrativa, clerical e de cultura, porém cimento aglutinador da identidade cultural entre as povos do Timor Oriental. Hoje o Estado Português faz um esforço considerável para fomentar o ensino e difusão da língua portuguesa no território. Destaca-se o papel dos cerca de 160 professores espalhados por todo o Timor Oriental, da Rádio Televisão Portuguesa (RTP Internacional) e da Rádio Renascença... Ao nível interno, em Timor podemos assim considerar as línguas locais, as

línguas veiculares, a língua oficial de administração e as línguas de relação com o exterior, o inglês, o português e o bahaasa Indonésio, pelo que podemos considerar que Timor apresenta uma situação linguística complexa.”<sup>11</sup>

Esta complexidade se reflete no que ora ocorre no Timor. O papel da língua portuguesa na história recente da ex-colônia acompanha as indefinições e as perspectivas incertas de uma nação em construção.

Toda a educação formal era ministrada em Português até o ano de 1975. Qualquer tentativa de utilização de outro idioma nesta prática era desestimulada e até mesmo punida. Inclua-se nesta observação o uso do Tetum ou de qualquer outra língua nativa do Timor.

Depois de 1975 os indonésios agilizaram a substituição do português pelo bahasa Indonésio, numa perspectiva de controle e não de cidadania como era a intenção portuguesa no período colonial<sup>12</sup>. Apesar do investimento massivo na construção de escolas<sup>13</sup> para a imposição da cultura e língua indonésias na região e com isso a facilitação do controle indonésio sobre a população insurreta, viu-se um impasse surgir face a esta transgressão da evolução linguística local. Em 1980 menos de 30% da população do Timor Oriental, a despeito da grande imigração de não-timorenses (indonésios) para a ilha, falavam ou entendiam a nova língua oficial. Complicado ainda pelo fato de que menos de 30% dos indonésios presentes nos quadros administrativos locais falavam ou entendiam tetum ou português, o que complicava as comunicações e criavam um impasse.<sup>14</sup>

A igreja católica desafiando as tentativas de integração indonésia (integrasi) não aceitou o uso da nova língua nas suas missas. Com permissão do Vaticano trocou o português pelo Tetum e manteve nas situações de comunicação externa da igreja, o próprio português.

Interessante notar a grande diferença que passou a existir entre o status da língua portuguesa no processo de anexação do Timor pela Indonésia e a língua holandesa em situação de emancipação daquele país:

“De início, pode-se imaginar que o papel das línguas portuguesa e holandesa enquanto línguas de antigas colônias poderia ser bastante parecido. Na Indonésia, enquanto o holandês era denegrido como língua dos colonizadores, era simultaneamente – ou era uma das línguas – da elite nacionalista indonésia. Ao mesmo tempo em que rejeita-

<sup>8</sup> Garcia, M. Timor Lorosa'e - Um ensaio.

<sup>9</sup> Objetos sagrados na religião maubere, que podem ser materializados por pedras, uma árvore grande ou um animal, tendo poderes sobrenaturais, inexplicáveis. Os lúlic funcionam como intermediários entre Deus e o Homem, e são geralmente conservados nos locais de culto, os denominados “uma-lúlic”.

<sup>10</sup> Garcia, M. Timor Lorosa'e - Um ensaio.

<sup>11</sup> Ibidem

<sup>12</sup> Lutz, Nancy M. Colonization, Decolonization and Integration: Language Policies in East Timor.

<sup>13</sup> Em uma das fases do “pembangunan” (desenvolvimento em indonésio. Nome do modelo de desenvolvimento econômico introduzido pela Indonésia na segunda metade da década de 70 no Timor), sua quarta fase denominada de “Desenvolvimento de curto prazo” entre 1979 e 1984, foram construídas novas estradas para viabilizar operações militares, bem como escolas para ensinar a língua, a história, a cultura e a ideologia indonésias. Foram construídas 579 escolas primárias, 71 secundárias, um politécnico e uma universidade (Timor Leste: Perspectivas para uma economia independente. Timor Leste, Comissão Para os Direitos do Povo Mauber.)

<sup>14</sup> Lutz, Nancy M. Colonization, Decolonization and Integration: Language Policies in East Timor.

vam o holandês e, portanto, consideravam reacionário ou pelo menos anacrônico qualquer um que tentasse continuar falando o holandês, eles ainda entendiam aquela língua. Uma vez que o governo indonésio no Timor Leste não entende português, a continuação do uso desta língua significa para eles muito mais uma ameaça. Isso não representa apenas um desafio à governabilidade indonésia, também representa uma ‘língua secreta’, misteriosa para a administração indonésia. Português é por esta razão muito mais suspeita - mais análoga talvez com o uso do holandês na Indonésia durante a ocupação japonesa. De um ponto de vista do Timor Oriental, esta analogia é pertinente, tendo em vista que muitas pessoas no Timor Leste se sentem sob uma ocupação militar. Os militares indonésios, por seu turno, também atuam enquanto agentes de uma ocupação militar. Apesar da retórica ‘nacionalista’ ostensiva, o ‘desenvolvimento’ no Timor Leste não é um tipo de programa de desenvolvimento ‘nacionalista’ ou de ‘cidadania’. Trata-se muito mais de um programa de ‘desenvolvimento’ através e para a ‘governabilidade’ e a política linguística faz parte deste programa. Tendo em vista estas dinâmicas, não se torna tão difícil entender, depois de tudo, porque os militares indonésios se sentem compelidos, não a observar, mas a abrir fogo numa procissão católica em memória aos mortos no Timor Leste<sup>15,16</sup>.”

A população jovem predomina no Timor. Segundo o último levantamento realizado pelo governo transitório da ONU foram identificados 738.811 habitantes. 54% com menos de 20 anos de idade. Isso significa que a maioria desta população não teve acesso formal à língua portuguesa, tendo em vista que durante os 24 anos de dominação indonésia era proibido falar ou ensinar esta língua<sup>17</sup>. Há os que defendam o Tetum como língua oficial tendo o inglês em segunda opção. Deste grupo fazem parte os ditos “mais politizados” que consideram a reimplantação do português como um ato de “neo-colonialismo”. A população mais velha, ao contrário, afirma que a identidade do Timor passa pela língua portuguesa e pelo Tetum. Nas palavras de Xanana Gusmão foi exatamente o fato de falarem o português que determinou o reconhecimento da ONU de sua diferença cultural do resto da Indonésia e por isso a necessária tutela no processo de independência: “Somos a metade de uma das 13.000 ilhas da Indonésia e só somos diferentes porque temos uma cultura diferente, uma identidade diferente... Nossa língua é o português. Nunca falamos inglês. Agora, depois de conquistarmos nossa independência tem muita gente aparecendo como amigo do povo timorense. Estão aqui montando seus negócios e influenciando os jovens. Mas onde eles estavam

antes?”<sup>18</sup> Pergunta que segundo comentário no jornal de onde se extraiu o texto acima refere-se claramente aos australianos que chegam em massa à ilha nos dias atuais.

A língua de uma nação não pode seguir apenas decisões burocráticas. Tal atitude repetiria erros do passado, que tantos maus causaram aos timorenses. Certamente a decisão por uma língua segue uma lógica e estratégia de sobrevivência mas também afetiva. As ligações com o passado colonial podem não trazer boas lembranças ao povo do Timor, mas a relação da língua portuguesa com o seu processo de libertação tampouco pode ser esquecido. Há de se ver, portanto, o que é mais viável para aquele povo. Quem sabe não seja o Tetum, ora língua franca, também passível de ser elevada à categoria de língua oficial! Claro que para nós que formamos o mundo lusófono seria motivo de orgulho e de facilidade em parcerias futuras ver integrada na CPLP esta nova nação. Há motivação para a consolidação do vernáculo na pequena e distante nação. Sabe-se que “O Programa de Alfabetização Solidária” desenvolvido no Brasil encontrou a sua primeira versão estrangeira no Timor Leste. Hoje funcionam mais de 140 salas de aula em todos os distritos timorenses, atendendo a mais de 3.000 alunos. Paralelamente à presença dos professores portugueses no Timor há registro do interesse brasileiro pela formação de pessoal para atuação nas suas escolas:

“O desafio de reiniciar o sistema educacional em Timor Leste levou o ministério da Educação do Brasil a oferecer um treinamento para 18 professores da ex-colônia portuguesa, que desembarcarão no país no próximo sábado para participar do Projeto de Formação de Professores e Alunos. A expectativa é de que, nos 30 dias em que permanecerão no Brasil, os timorenses possam aprofundar os conhecimentos da língua portuguesa e sair com idéias de como reiniciar um sistema educacional capaz de ajudar a reconstruir o território devastado pela violência das milícias contrárias à sua independência. Durante a sua estada no Brasil, os timorenses terão 168 horas de aulas para trabalhar em três programas específicos, visando a abranger ensinamentos da primeira a oitava séries do ensino fundamental e ensino médio. Os professores também participarão de um módulo comum, no qual o ministério da Educação vai apresentar o que é o sistema educacional brasileiro, o funcionamento do ensino fundamental, médio e a distância, o papel do professor e da escola, como se desenvolve a aprendizagem e o uso de novas tecnologias, como computador, televisão e vídeo. O projeto é custeado pela Agência Brasileira de Cooperação, do ministério das Relações Exteriores.”<sup>19</sup>

<sup>15</sup> Marcha ao Cemitério de Santa Cruz em 12 de novembro de 1991 quando tropas indonésias atiraram indiscriminadamente na população presente matando 271 pessoas, ferindo 382 e registrando ainda o “desaparecimento” de mais 250.

<sup>16</sup> Lutz, Nancy M. Colonization, *Decolonization and Integration: Language Policies in East Timor*.

<sup>17</sup> Timor Leste vive crise de identidade linguística. Jornal *O Povo*, 2 de setembro de 2001, Caderno Internacional.

<sup>18</sup> *ibidem*

<sup>19</sup> CNN on line. Ministério da Educação do Brasil treina professores de Timor Leste.

Outro fato que vale ser ressaltado é o da criação de um instituto para divulgação da língua portuguesa em Timor Leste. Pode-se ler em notícia veiculada *on line* pela CNN o projeto de criação de um instituto de grande magnitude para estes fins:

“A capital de Timor Leste passará a ter, no próximo ano, um instituto que se proporá a promover a língua portuguesa no território, além de ajudar os timorenses a criar microempresas, como parte dos esforços para reconstruir a economia local. A proposta, segundo a agência de notícias Lusa, é da Associação 12 de Novembro, com sede em Lisboa. O presidente da entidade, Rui Marques, dará início à implantação do projeto no próximo dia 5 de dezembro, durante uma visita a Dili. O instituto, que se chamará Centro Juvenil Padre Antonio Vieira, terá três edifícios, nos quais funcionarão uma biblioteca, com 10 mil volumes, um auditório, duas salas com computadores, salas polivalentes para reuniões e um alojamento para 20 pessoas. O centro deve começar a funcionar a pleno vapor em outubro de 2001.”

A opção pelo idioma português poderia ser considerada uma conseqüência natural pois foi este idioma que indiscutivelmente desempenhou um papel decisivo no processo de libertação dos algozes indonésios, foi instrumento e símbolo maior de sua resistência, além de ter representado a diferença e a esperança durante o período mais negro da história recente do Timor. Mas que seja feita a vontade do povo: *Atu tuir ita nia habarak*.<sup>20</sup>

## BIBLIOGRAFIA

- CHOMSKY, N. *Novas e velhas ordens mundiais*. São Paulo: Scritta, 1996.
- CORREIA, M. Sobre o Dicionário Tétum-Português. In: *Os Fazedores de Letras*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, ano VII, novembro de 1999, no. 29, pp. 8-9.
- CNN on line. Ministério da Educação do Brasil treina professores de Timor Leste. CNN, 18 de outubro, 2000.
- DUARTE, Jorge B. *Timor - Ritos e Mitos Ataúros*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. 1984.
- GARCIA, M. *Timor Lorosa'e - Um ensaio*. [www.Timor-no.sapo.pt/ensaio.htm](http://www.Timor-no.sapo.pt/ensaio.htm)
- HERRMANN NETO, J. In: *Folha de São Paulo: Caderno Opinião*, 22 de outubro de 2001.
- HONORATO D. Ensaio *on line*: <http://www.terravista.pt/aguualto/1025/Index2P.htm#Artigo3>.
- LUTZ, Nancy M. *Colonization, Decolonization and Integration: Language Policies in East Timor*. Artigo apresentado nos encontros anuais da Associação Antropológica Americana em Chicago em 20 de Novembro de 1991. On line: [www.timor.virtualave.net](http://www.timor.virtualave.net)
- O Povo. Timor Leste vive crise de identidade lingüística. In: *O Povo*, Caderno Internacional. Fortaleza 2 de setembro de 2001.
- Timor Leste: Perspectivas para uma economia independente. Timor Leste, Comissão Para os Direitos do Povo Mauber. Lisboa, Ano XIV, No. 152, Setembro de 1998.)
- TUPINAMBÁ, Antonio C.R. Plebiscito em Timor Leste. In: *O Povo*, Caderno Internacional, 29 de agosto de 1999.

<sup>20</sup> “Seja feita a vossa vontade” em Tetum. (J. Herrmann Neto, Folha de São Paulo, 22 de outubro de 2001 com título homônimo).